

# Abjetos flutuantes

*Magda Bellini\**

Resumo: O modo como é abordada terminologicamente a questão da *deficiência* e dos *deficientes* neste trabalho necessita de alguns esclarecimentos, por se tratar de uma questão da linguagem, mas não necessariamente de um discurso “politicamente correto”. O objetivo está em evidenciar o problema e canalizar a discussão como significado e sentido cultural de uma representação de um modelo biológico da deficiência centrado no indivíduo.

Palavras-chave: Abjeto. Anormal. Cultura. Deficiência.

## *Floating abjects*

Abstract: The way how is terminologically addressed the issue of disability and disabled people in this job needs some clarification, because it is a matter of language, but not necessarily a ‘politically correct’ speech. The aim of this paper is to highlight the problem and focus on the discussion as meaning and cultural sense of a representation of a biological disability model focused on the individual.

Keywords: Abject. Abnormal. Culture. Disabilities.

## *Abyectas flotantes*

Resumen: ¿Cómo es terminológicamente abordó el tema de discapacidad ya las personas con discapacidad en esta tarea necesita alguna aclaración, porque es una cuestión de lenguaje, pero no necesariamente una “corrección política”. El objetivo es poner de relieve el problema y orientar la discusión y el significado como una representación cultural de un modelo biológico de la discapacidad centrada en el individuo.

Palabras clave: Abyecta. Anormal. La cultura. Discapacidades.

---

\* Magda Bellini é professora nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física e no curso de Fisioterapia da Universidade de Caxias do Sul. Coordena o Grupo Articulações, do Núcleo de Pesquisa Ciências e Artes do Movimento Humano, do Centro de Ciências da Saúde – CECS – e o Programa UCS/Apadev (uma parceria da Universidade de Caxias do Sul com a Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Visuais de Caxias do Sul).

*Eu reduzida a uma palavra?  
Porém, qual palavra me representa? Uma coisa sim que eu sei é que eu não sou meu nome. Meu nome pertence aos que me chamam. Porém meu nome íntimo é zero. É um eterno começo que interrompe sem parar minha consciência de começo.  
(Um sopro de vida, Clarice Lispector).*

## Introdução

**Precisamos abandonar todas as ideias comuns do que seja ver<sup>1</sup> e a convicção de que o ato de ver envolve apenas o reconhecimento de uma imagem mental interna produzida pelo cérebro. Nesse contexto, indivíduos cegos não produzem imagens mentais visuais; mas, de acordo com o neurologista português António Damásio,**

Estes indivíduos possuem os mecanismos sinalizadores de toda a nossa estrutura corporal – pele, músculos, retina, etc. – ajudam a construir padrões neurais que mapeiam a interação do organismo com o objeto. Os padrões neurais são construídos segundo as convenções próprias do cérebro, e são obtidos transitoriamente nas diversas regiões sensoriais e motoras do cérebro que são apropriadas ao processamento de sinais provenientes de regiões corporais específicas, digamos, pele, músculos ou retina. A construção destes padrões neurais baseia-se na seleção momentânea de neurônios e circuitos mobilizados pela interação. Em outras palavras, os tijolos da construção existem no cérebro, estão disponíveis para serem manipulados e montados. (2000, p. 405).

**O movimento e a percepção estão no centro das atividades humanas. Nesse sentido, eles constituem a nossa expressão e a nossa relação com o mundo e com os outros. O corpo cego como uma realidade e a observação do comportamento do ser humano**

---

<sup>1</sup> Diferentemente do que Maturana (2002) assinala, “o próprio fato de aceitarmos um dado fenômeno como fenômeno da visão, nós implicitamente aceitamos uma resposta a essa pergunta que permeia tudo o que fazemos, mesmo na vida cotidiana. O que raramente fazemos, no entanto, quer como neurobiólogo quer como pessoa comum é indagar sobre os fundamentos conceituais de nosso perguntar a respeito da visão, talvez porque tal indagação necessariamente nos levaria a questionar as bases ontológicas e epistemológicas de nossas certezas sobre a percepção e a cognição. De fato, a resposta à pergunta *O que é ver?* e *O que é conhecer?*”, ao contrário do ensaio do autor, em “A ontologia da realidade”, esta pesquisa não indagará sobre as bases ontológicas e epistemológicas de nossas certezas perceptivas.

“comportamento” no seu sentido etiológico original, que significa movimento) nos permitem inferir sobre os níveis de complexidade das manifestações corporais fraturadas dos indivíduos cegos congênitos, dentro de diferentes realidades (físicas, somáticas, cognitivas e emocionais), que se alteram constantemente, permanecendo estável apenas o suficiente para voltar a modificar-se.

Muitos pesquisadores têm conseguido libertar-se da visão aristotélica e lockeana<sup>2</sup> sobre a superioridade e a necessidade da visão. Uma quantidade de trabalhos tem surgido, mostrando a potencialidade e a capacidade de os cegos congênitos desempenharem tarefas, antes só pensadas aos videntes, ou aos que tiveram alguma experiência visual antes da cegueira adquirida.<sup>3</sup>

O modo como é abordada terminologicamente a questão da *deficiência* e dos *deficientes* nesta pesquisa necessita de alguns esclarecimentos, por se tratar de uma questão da linguagem, mas não necessariamente de um discurso “politicamente correto”. O objetivo está em evidenciar o problema e canalizar a discussão como significado e sentido cultural de uma representação de um modelo biológico da deficiência centrado no indivíduo. Desse modo, é importante nunca examinar um problema, um sintoma ou um fenômeno isoladamente. Portanto, a análise deve ocorrer dentro de um contexto mais amplo, como parte do indivíduo, de seu padrão de vida e do seu contexto social.

#### Decisões metodológicas

A desvantagem imposta pela deficiência visual congênita refere-se ao valor dado à condição da pessoa quando se afasta da norma, caracterizado pela discrepância entre as aspirações e as expectativas,

---

<sup>2</sup> Visão aristotélica e lockeana: para a tradição lockeana, o homem é considerado um ser passivo, um receptáculo de impressões sensoriais que irá constituir seu intelecto. Essa é a teoria do *white paper* de Locke, que faz seu o axioma aristotélico de que “nada há no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos”. Assim, o ser humano seria um ser passivo atuando e se constituindo de acordo com os estímulos recebidos, sendo por eles, portanto, governado. A expressão *tabula rasa* origina-se do latim medieval *tabula rasa*. Em geral, é atribuída ao filósofo John Locke (1632-1704). “[...] Locke estava mirando as teorias de ideias inatas, segundo as quais as pessoas nascem com ideias matemáticas, verdades eternas e noção de Deus.” (PINKER, 2004, p. 23). Para mais detalhes sobre essas duas visões, consultar esse autor.

<sup>3</sup> Cegos adventícios.

dela ou do grupo ao qual pertence. Portanto, a desvantagem representa a expressão social de uma deficiência ou incapacidade, e reflete consequências culturais, sociais, econômicas e ambientais, que tornam difícil para a pessoa desempenhar “funções de sobrevivência”. Assim, a norma<sup>4</sup> pode ser compreendida como uma “medida que simultaneamente individualiza, permite individualizar incessantemente, e ao mesmo tempo torna comparável” (EWALD, 1993, p. 45); como “um princípio de comparação, de comparabilidade, de medida comum, que se institui na pura referência de um grupo a si próprio, a partir do momento em que só se relaciona consigo mesmo” (1993, p. 45); contaminam ambientes e levantam questões epistemológicas sobre condição e situação.

As práticas de identificação, classificação e conceituação de um objeto de estudo podem ser entendidas como recursos acadêmicos para a delimitação deste. De outro ângulo, implicam relações de poder,<sup>5</sup> que nos mostram sintomas dispersos e confusos de nosso mundo igualmente (disperso e confuso) e da confusão que existe em nós.

Skliar (2003, p. 34) afirma que “precisamos voltar a olhar bem àquilo que nós representamos como *alteridade deficiente*”. Voltar a olhar bem no sentido de perceber, com perplexidade, como esse *outro* foi produzido, governado, inventado, *traduzido*:

Talvez, então, para voltar a olhar bem, poderíamos recorrer àquilo que em língua inglesa foi denominado *Disability Studies*. É evidente que *Disability Studies* não pode nem deve ser traduzido como *Estudo sobre*

---

<sup>4</sup> “À primeira vista, normas e valores pertencem a famílias de diferentes noções. Nas ‘teorias das normas’, tratam-se das regras, razões, princípios, deveres, direitos, obrigações etc. Nas ‘teorias dos valores’, fala-se mais sobre o bem, o mal, o pior etc.” (RAZ, 1990, 11, p. 200-2001). “Todavia poder-se-ia constatar, pela reflexão, que não é ilegítimo ignorar, em certo nível de análise, as distinções entre normas e valores, ou de supor que existem, entre estas duas noções, relações tão enredadas que seria absurdo tentar separá-las sem reservas.” (CANTO-SPERBER, 2003, p. 255).

<sup>5</sup> “Por toda a parte, a Nova Ordem intelectual segue os rumos abertos pela Nova Ordem mundial. Em todas as partes, a desgraça, a miséria e o sofrimento dos outros se converteram em matéria-prima e na cena primitiva. A vitimização variada dos direitos do homem como única ideologia fúnebre. Os que não a exploram diretamente e em seu próprio nome o fazem pelo poder, e não faltam mediadores que, de passagem, cobram sua mais valia financeira ou simbólica. O déficit e a desgraça, da mesma forma que a dívida internacional, negocia-se e revende-se no mercado especulativo, neste caso o mercado político intelectual, que equivale ao complexo militar-industrial de sinistra memória.” (BAUDRILLARD, 1993).

*as Deficiências ou Estudo dos Deficientes. Os Disability Studies (DS, daqui em diante) constituem um campo necessariamente irregular dos estudos filosóficos, literários, políticos, culturais, etc. que se propõe inicialmente descolonizar e desconstruir o aparato de poder e de saber que gira em torno daquilo que naturalizamos como o outro deficiente. A origem dos DS está intimamente relacionada ao surgimento dos Estudos Culturais (que, continuando com a lógica do esclarecimento anterior, não se trata de Estudos sobre a Cultura); ou com os Estudos de Gênero (que não são Estudos sobre a Mulher); ou com os Estudos Negros (que não são Estudos sobre os Negros); ou com os Estudos Surdos (que não são Estudos sobre os Surdos) etc. E é preciso esclarecer rapidamente que não há aqui um DS, mas vários DS, assim como não há um Estudos Culturais, mas diferentes tradições, muitas delas inclusive contrastantes, como aquela da tradição anglo-saxã ou aquela de inspiração pós-estruturalista etc. – para esta última questão, ver, entre outros: Alfredo Veiga - Neto e Maria Lúcia Wortman (2001); Marisa Costa (2000) e Tomaz Tadeu da Silva. (2003, p. 36).*

Ainda que qualquer identidade<sup>6</sup> jamais seja fixa nem mesmo estável, ela se tornou uma das questões centrais nas investigações e pesquisas, nos estudos culturais, no ponto em que eles “examinam os contextos dentro dos quais e por meio dos quais tanto os indivíduos quanto os grupos constroem, negociam e defendem sua identidade ou autocompreensão”. (EDGAR; SEGDWICK, 2003, p. 169).

Beirando ao estranho<sup>7</sup> (*unheimlich*) de Freud, e antagonizando a concepção do mal de Jameson, como “tudo que é radicalmente diferente de mim”, a questão do abjeto como algo desprezível, desprezado ou negligenciado, encontra em Kristeva (1982, p. 143) sua

---

<sup>6</sup> “Os estudos culturais usam muito as visões do problema de identidade que questionam o que pode ser chamado de avaliação ortodoxa e identidade. A ortodoxia supõe que o *self* seja algo de autônomo (estável e independente de todas as forças externas). Os estudos culturais valem-se das interpretações que defendem que a identidade é uma resposta para algo externo e diferente dela (*um outro*).” (EDGAR; SEGDWICK, 2003, 116). Um trabalho excelente sobre este assunto – *Self* autobiográfico, identidade e individualidade – foi descrito pelo neurocientista português António Damásio no seu livro intitulado *O mistério da consciência*; com tradução de Laura Teixeira da Motta e publicado no Brasil pela Companhia da Letras.

<sup>7</sup> O tema do estranho (*unheimlich*) relaciona-se com o que é assustador – com o que provoca medo e horror; a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. Traduzir *unheimlich* por *estranho* é trair sua ambiguidade fundamental e originária. Para argumentos mais detalhados, ver *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*; translated from the German under the General Editorship of James Strachey in collaboration with Anna Freud. Volume XVII (1917-1919)/ *An Infantile Neurosis and Others Works*, p. 219-52. London: The Hogarth Press.

mais sutil definição – se é que podemos falar em sutileza quando ressaltamos o caráter de tamanha irracionalidade. Segundo a autora, “a abjeção é aquilo que não respeita fronteiras, posições, regras, aquilo que revela a fragilidade da lei, é o lugar no qual o significado entra em colapso”.

Por meio de forças de rejeição<sup>8</sup> e exclusão, o abjeto é provido de uma identidade concreta e ocupa um lugar, quer esse lugar seja uma prisão, um gueto, um reformatório, um centro de refugiados, seja qualquer outra zona de inabitabilidade a ser construída. Em suma, na percepção de Weiss (1999, p. 43), “um lugar onde a sociedade descarta o seu excremento”.

Não somente a rejeição, mas o verdadeiro processo de rejeição<sup>9</sup> deve ser enterrado, reprimido e negado. De acordo com Grosz:

A rejeição é a base do simbólico. É o que o simbólico deve rejeitar, cobrir, conter. O simbólico exige que a fronteira separe ou proteja o sujeito do abismo que lhe acena e assombra: a rejeição seduz e atrai o sujeito sempre mais para perto de sua beira. É uma insistência na relação necessária do sujeito com a morte, com a animalidade e com a materialidade, sendo o reconhecimento ou recusa do sujeito sua corporalidade? A rejeição demonstra a impossibilidade de fronteiras bem definidas, linhas de demarcação, divisões entre o limpo e o não limpo, o adequado e o inadequado, ordem e desordem. (1990, p. 90).

**As atuais intersecções turbulentas e não lineares, relacionadas com estratégias biológicas e políticas de sobrevivência, permitem a discussão das relações e da fragilidade dos vínculos em todas as esferas da vida cotidiana, sejam comunitárias, ideológicas, partidárias, sejam**

---

<sup>8</sup> O monstro sempre escapa porque ele não se presta à categorização fácil. “[...] Essa recusa a fazer parte da ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma – suspensa entre formas – que ameaça explodir toda e qualquer distinção.” (SILVA, 2000, p. 41).

<sup>9</sup> Numa entrevista de 1980, Júlia Kristeva oferece-nos uma descrição comovente dessa força de exclusão e rejeição: “Um sentimento extremamente forte que é ao mesmo tempo somático e simbólico, e que é acima de tudo uma revolta da pessoa contra uma ameaça externa que se quer manter à distância, mas que se tem a impressão que não é só uma ameaça externa, mas que pode ameaçar-nos do interior. Então, é um desejo por separação, por se tomar autônomo e também um sentimento de uma impossibilidade de assim fazê-lo – daí o elemento de crise que a noção de rejeição carrega consigo. Levado as suas consequências lógicas, é uma montagem impossível de elementos, com a conotação de um “limite frágil”. (KRISTEVA, 1988, p. 135).

sociais, e demonstram que os parâmetros antigos que definiam uma comunidade não se sustentam mais. A essência de uma comunidade como uma unidade homogênea tornou-se ficção. O que se apresenta hoje são comunidades extremamente heterogêneas, que desacreditam aquele corpo soberano<sup>10</sup> protagonizado em Foucault<sup>11</sup> – pois, após o século XVII, o poder soberano deixava de simbolizar uma potência de morte e passava a se ocupar da administração, do controle e da sujeição dos corpos, além da gestão calculista da vida.

Na verdade, o biopoder, isto é, o poder que se imprime sobre o corpo, avança em conjunto com as mesmas anormalidades que as tecnologias do poder e do conhecimento dizem eliminar. Dessa forma, todo e qualquer conhecimento está sempre imbuído de poder, de tal forma que um não pode ser dissociado do outro. O conhecimento é um elemento definidor e catalisador do poder, tal como hoje acontece na civilização ocidental.

Os conceitos de *poder soberano* e *biopoder* foram, durante muito tempo, utilizados para legitimar uma determinada posição frente a um indivíduo ou à população, sempre entre a vida e a morte. O racismo, como uma espécie de justificativa científica, para permitir o domínio de alguns sobre outros, e a utilização de formas de poder sobre os mais fracos, foi o efeito aglutinador desses dois conceitos.

Segundo Foucault, o biopoder, diferentemente do poder soberano, faz viver e deixar morrer, é uma espécie de poder regulamentador que intervém para fazer viver, controlando possíveis acidentes, para aumentar o tempo de vida. Trata-se, mais uma vez, da tentativa de categorizar e apartar experiências de fato marcadas por forte ambivalência.

De acordo com Varela, Thompson e Rosch (2003, p. 180), “uma das atividades cognitivas mais fundamentais que todos os organismos

---

<sup>10</sup> “Na política: diz-se da pessoa, individual ou coletiva, a qual pertence por direito o poder do qual derivam todos os outros. Esta pessoa pública, que se forma assim pela união de todas as outras, tomava outrora o nome de *cidade*, e toma agora o de *república* ou de *corpo político*, o qual é chamado pelos seus membros *Estado*, quando é passivo; soberano quando é ativo, potência quando comparado aos seus semelhantes.” (LALANDE, 1996, p. 822).

<sup>11</sup> Ao realizar uma reflexão sobre a questão do homem e do conhecimento, a partir da obra de Michel Foucault, deve-se, necessariamente, compreender o que esse autor entende por poder, genealogia, história e verdade. Portanto, trata-se de uma operação complexa sobre a qual não nos debruçaremos nesta pesquisa. Mas creio ser necessário realizar algumas descrições à medida que for destacando pontos relevantes a este estudo.

realizam é a categorização”. Dessa forma, “a qualidade única de cada experiência é transformada no conjunto mais limitado de categorias<sup>12</sup> aprendidas e significativas às quais os humanos e outros organismos respondem”. (p. 180).

Das amplas generalizações aristotélicas às especificidades contemporâneas dos processos, sempre houve um critério de seleção específico para categorizar: a presença ou ausência de propriedades ou pontos em comum, dentro dos conjuntos relacionados às coisas para o entendimento do mundo. Dessa maneira, categorizamos o mundo o tempo todo. A maioria dos processos de categorização é automático e inconsciente como nossos relacionamentos ou nossas emoções. Se mudarmos nosso conceito de categoria – de como as coisas se organizam no mundo – estaremos mudando nosso conceito do que se constitui um corpo. No entanto, se abrirmos novas possibilidades de categorizar os elementos que se apresentam a nós no mundo, estaremos ampliando nosso sentido, no que se refere ao corpo, à cognição e à própria cultura.

Em uma série de experimentos, Varela, Thompsin e Rosch e colaboradores descobriram que os níveis básicos de categorização são os níveis mais abrangentes nos quais os membros das categorias:

(1) são utilizados ou interagem por ações motoras semelhantes; (2) têm formas semelhantes e podem ser imaginados; (3) têm atributos humanamente significativos identificáveis; (4) são categorizados por crianças pequenas; e (5) têm prioridade linguística (em diversos sentidos). (2003, p. 180).<sup>13</sup>

Se, como pressuposto, considerarmos que o normal para a espécie humana é *ver* e *falar*, os cegos serão sempre uma diversidade,

---

<sup>12</sup> “Desde a época de Aristóteles, estas práticas de nomear, definir, categorizar têm sido submetidas à investigação filosófica. Em meados deste século, certa posição havia se estabelecido firmemente como a ‘maneira certa’ de pensar sobre categorias, conceitos e classificações (um trio de termos que empregarei aqui como sinônimos). No entanto, nos últimos trinta e cinco anos, exatamente no mesmo período de predominância da ciência cognitiva, essa visão de como categorizamos o mundo sofreu o ataque mais severo, e hoje virtualmente ninguém mais a sustenta em sua forma pura. [...] Hoje não é exagero dizer que a *visão clássica* de conceitos foi substituída por uma *visão natural* de conceitos.” (GARDNER, 2003, p. 360).

<sup>13</sup> ROSCH, E. et al. *Basics objects in natural categories*; Rosch: *Principles of categorization*; Rosch: *Wittgenstein and categorization research in cognitive psychology*; Mervis and Rosch: *Categorization of natural objects*.

subconjuntos relacionados com o tipo de reflexo na incidência de uma luz vermelha<sup>14</sup> no olho, em um teste de oftalmologia ou em um gráfico de pontos de uma campimetria.

Conviver com a cegueira e com a deficiência é conviver com esse *estranho* – ao mesmo tempo tão familiar. É onde podemos ver operar a dupla instância do poder disciplinar e do biopoder. Por um lado, o indivíduo cego, fora da norma, é aquele que percorre o mesmo caminho que eu, porém necessita de auxílio para ele próprio se locomover. Até aqui a convivência torna-se possível. Mas existe o outro lado, o do indivíduo cego que se constitui em um estranho, aquele que carrega um pouco de cada um em si mesmo, sendo, no entanto, outro – a alteridade estrangeira. E, então, a convivência já não é mais a mesma. Vemos, assim, operar a tecnologia do biopoder e o exercício de um estigma silencioso, um preconceito que opera contra o diferente e que, ao mesmo tempo, é visto como o inferior.

Ao nos permitirmos admirar as linhas paralelas que compõem as abordagens foucaultiana e psicanalítica, em suas singularidades explicativas, inevitavelmente irrompe a questão: O que o *estranho* teria a ver com o *anormal*? De acordo com Souza e Gallo (2002, p. 42), “do ponto de vista teórico, julgamos que estas entidades não possuem a mesma natureza”. E, talvez, o melhor que tenhamos a fazer “é deixá-las em seus próprios campos de fabricação discursiva.” (p. 42)

Os (a)normais fazem parte, de modo surdo, de uma mesma geometria. São elementos conhecidos, sempre explicáveis e demarcáveis na superfície de um território localizável e *familiar* – a norma. No espaço da norma não há exterioridade: tanto o anão como o gigante, tanto o retardado como o superdotado, tanto o deficiente visual como o vidente lhe são necessários, a fim de que possa completar toda uma série de medidas, ascendentes ou descendentes, a partir das quais cada indivíduo é posicionado e classificado em termos de proximidade ou desvio. A

---

<sup>14</sup> Os bebês nascidos em hospitais públicos ou conveniados com o SUS deverão fazer o “Teste do Olhinho” antes de ir para casa. O procedimento deve ser feito nas primeiras quarenta e oito horas de vida – hoje, em metade dos casos os defeitos são descobertos quando o bebê já está cego. Estima-se que 80% dos casos de deficiência visual possam ser evitados com o teste. Até este momento, poucas cidades do País, como São Paulo e Rio de Janeiro, oferecem o “Teste do Olhinho” como rotina das maternidades. A lei (no RS) deve ser regulamentada pelo Poder Executivo para começar a ser aplicada. Dentre as doenças que este teste vai prevenir estão: a Catarata (um caso para 200 nascidos); o Glaucoma (um para cada 10 mil nascidos) e o Tumor Ocular ou Retinoblastoma (um para cada 15 mil nascidos). Nota do autor.

norma permite, finalmente, que cada um possa ser o juiz e o pastor de si mesmo. Por princípio lógico, o estranho jamais é assimilável (quando o é, deixa, obviamente, de sê-lo); mantém-se lá. [...] E, por isso, quando pressentimos no *exterior*; habitando corpos lésbicos, surdos ou do Barbeiro de A, incomodamo-nos tanto com ele: o repudiamos, o amamos, o desejamos intensamente e o odiamos na medida (ambivalência), ou, finalmente, empenhamo-nos em torná-lo membro de *família* no espaço tranquilizador e fraterno da norma. (SOUZA; GALLO, 2002, p. 47).

O igual contém em si o diferente, o mesmo, o outro. Com o *unheimlich*,<sup>15</sup> Freud assinala, junto a toda uma literatura ficcional de fundo fantástico,<sup>16</sup> para a possibilidade da existência de uma zona de intersecção, uma fronteira, um limite ou uma região de indeterminação na constituição das subjetividades, composta de algo que lhe é familiar e ao mesmo tempo alheio.

Conforme afirma Canguilhem (2002, p. 101), “a norma é a referência de uma ordem possível, que permite e exige uma contestação (contra-norma) para se fazer norma”.

Se analisarmos as principais contribuições de alguns teóricos da Sociologia e da Psicologia (e.g: FOUCAULT, 1975, 1998, 2002; CANGUILHEM, 1982; SKLIAR, 2003; AZEVEDO et al. 2000; LAROSSA; SKLIAR, 2001; JAGGAR; BORDO, 1997; ROGERS; SWADENER, 2001; FONSECA, 1987), sobre as concepções de normalidade e patologia<sup>17</sup> e suas implicações com a educação, teremos diante de nós uma abordagem pertinente sobre o tema, que ratifica a importância e a ênfase de uma interdisciplinaridade para a análise do objeto desta pesquisa.

A relação de atributo e estereótipo está impregnada em nossa sociedade na visão afunilada de que corpos fisicamente (a)normais (ver BAUMAN, 1999; FOUCAULT, 2002) comportam pensamentos também defeituosos. O indivíduo em questão torna-se estigmatizado e

---

<sup>15</sup> Ver nota 7.

<sup>16</sup> São muitos os monstros e os livros sobre monstros na literatura. *O médico e o monstro*, de Stevenson; *Frankenstein*, de Mary Shelley; *Drácula*, de Bram Stoker; *Hannibal Lecter*, de Thomas Harris; *Vlad Drácula*, de Elizabeth Kostova; *Gregor Samsa em A Metamorfose*, de Kafka, entre outros. Ver também Naruyama (2000), Bondeson (2000), Tucherman (1999), Garcias (2002) e Silva (2000).

<sup>17</sup> Ramo da Medicina que se ocupa da natureza e das modificações estruturais e/ou funcionais produzidas pela doença no organismo.

categorizado no que se refere ao seu *status* social, ignorando-se seu potencial como ser humano integral. Existe uma ideia de que o que é diferente é patológico. Não há uma tendência à análise do que existe de compensatório em um indivíduo (a)normal, ou quais são os aspectos produtivos de sua personalidade. A presença quase intolerável, no meio educacional, de uma concepção cartesiana, que continua a menosprezar o indivíduo como um todo, vem prejudicando, de maneira assustadora, nossa tentativa de deixar menos excluídos (dentro de sua exclusão) os indivíduos portadores de deficiência visual entre outros tantos (a)normais.

Por outro lado, o darwinismo mais clássico, com sua teoria da adaptação, introduziu na biologia uma “normalidade”, que, segundo Perbart (2003), “não é de se surpreender que desde cedo este darwinismo tenha inspirado uma normatividade social”. Assim, “embora a norma não seja fixa, a capacidade de se adaptar, sobreviver e conseguir garantir a descendência na luta pela existência está inscrita na natureza” (2003, p. 83). Essa é uma questão a ser aprofundada. Na esteira do darwinismo clássico, podemos enfrentar a questão do vivo no contexto contemporâneo e o modo como a evolução de uma espécie pôde impulsionar a evolução de outra. A questão da “utilidade” ou da utilização de um determinado aparato corporal, por determinada espécie, é resultado de um processo complexo dentro da evolução. Não estamos determinados a escrutinar os meandros evolucionistas; porém é notório, no trabalho desenvolvido por alguns pesquisadores, dentre os quais os psicólogos evolucionistas Roger Fouts (1998) e Steven Pinker (1998), os neurologistas e neurocientistas Oliver Sacks (1995-98, 2003, 2007, 2011), António Damásio (1996, 2000) e V.S. Ramachandran (2004), pelas ciências cognitivas com Varela, Thompson e Rosch (2003) e Gardner (2003) ou pela neurociência com Kandel, Schwartz e Jessell (2000), Bear et al. (2006) e Roberto Lent (2004), que, mesmo “uma deficiência pode ser da maior utilidade no momento em que esta passa a estimular outros órgãos”.

Ainda sobre a questão do *vivo*, permitam-me citar-lhes alguns parágrafos que ilustram a ideia das concepções de Darwin<sup>18</sup> a respeito

---

<sup>18</sup> É comum a ideia equivocada de que a mais importante contribuição de Charles Darwin foi a descoberta da evolução. Não foi assim. A grande contribuição de Darwin foi fornecer o mecanismo adequado, que ele chamou de seleção natural. Para um apanhado das teorias da

do organismo e do ambiente. Para criar a sua teoria da evolução, Darwin teve de dar um passo revolucionário nas concepções de organismo e ambiente. De acordo com Lewontin:

Até então não havia uma demarcação clara entre processos internos e externos. Na concepção pré-moderna da natureza não havia uma separação nítida entre vivo e morto, animado e inanimado. O morto poderia reviver, as estátuas de marfim poderiam transformar-se em mulheres vivas. A teoria da evolução de Lamarck supunha a herança de características adquiridas. Ou seja, circunstâncias externas ao organismo podiam ser a ele incorporadas de maneira permanente e herdável por ação da vontade do próprio organismo. Darwin promoveu uma ruptura profunda com essa tradição intelectual ao alienar o interno ao externo: ao estabelecer uma separação absoluta entre os processos internos que geram o organismo e os processos externos, o ambiente em que o organismo deve operar. (2002, p. 47).

Análise e discussão

A questão sobre o que é ser ou o que não é ser humano é uma questão ontológica. Os critérios que distinguem humanos, não humanos e seres humanos (que, culturalmente, identificamos conosco) fazem parte de um contexto evolucionário (que instaura a codependência de quem sobrevive e de quem não sobrevive) e da história do vivo (que se faz com aquilo que já não está mais aqui e com a questão de que o ausente também faz parte). O ponto principal, aqui, talvez seja que os humanos são, acima de tudo, seres sociais, de modo que “o que os humanos são”, segundo Foley (2003), “vincula-se estreitamente não com os humanos como indivíduos, mas como os humanos como parte da humanidade como um todo”. (p. 17).

Para o autor:

Se não pudermos desemaranhar a linguagem do comportamento social e econômico, talvez venhamos a ser levados à ideia básica de que o que nos torna humanos é a cultura. Os antropólogos usam o conceito de cultura numa miríade de sentidos, mas o cerne de todos eles é a ideia de

---

evolução: *Dictionnaire du darwinisme et de l'évolution*. Coordenné par Patrick Tort. Paris: PUF, 1996. Traz esclarecimentos sobre os mecanismos e as principais teorias, e estende a reflexão iniciada aqui. Para integrar outras informações ver também Dawkins (1998, 2005); Dennett (1994, 1997, 1998); Foley (2003); Lewontin (2002); Stanford (2004); Watson (2005); Zimmer (2004).

um gabarito cognitivo sobre o qual é formada toda a estrutura do comportamento humano. Seu elemento crucial é que ela fornece a flexibilidade que permite que todos os tipos de comportamentos, pensamentos e ações sejam modificados, e que as ações mais disparejas sejam integradas. O homem, como animal-portador de cultura, pode substituir e abranger todos os aspectos da humanidade, da tecnologia à política e à estética. (2003, p. 18).

Para sobreviver, um corpo precisa operar dentro de alguns parâmetros. Em comparação com o ambiente que o rodeia, o estado interno do corpo deve permanecer relativamente estável. Desde a regulação básica da vida, até a razão superior, passando pelas emoções e pelos sentimentos, é possível perceber um mesmo *contínuum* integrado. O projeto de Damásio que, num primeiro momento, em *O erro de Descartes* (1996), era sobre os fundamentos neurobiológicos da razão e da emoção, no seu segundo livro *O mistério da consciência* (2000) coloca em voga um problema complexo: a própria consciência – o sentimento de sermos o que somos. Contudo, é *Em busca de Espinosa* (2004), que amplia sua busca, ao “estender a chave da homeostasia<sup>19</sup> ao governo da vida social”. Para Damásio:

As convenções sociais e as regras éticas podem ser vistas em parte como extensões da homeostasia no âmbito da sociedade e da cultura. O resultado da aplicação de convenções e regras eficazes é precisamente o mesmo de dispositivos como metabolismo ou de apetites: um equilíbrio no processo da vida que permita a sobrevivência e o bem-estar. As constituições que governam um Estado democrático, as leis propostas de acordo com essas constituições e a aplicação dessas leis num sistema judicial são dispositivos homeostáticos. Todos eles são ligados por um longo cordão umbilical a outros níveis de regulação homeostática básica. Certas organizações mundiais que tiveram o seu começo no século XX, como por exemplo, a Organização Mundial da Saúde e as Nações Unidas, fazem parte dessa tendência humana de estender a homeostasia a uma escala cada vez maior da humanidade. É bem sabido que tais organizações têm conseguido alguns bons resultados, mas que também sofrem imperfeições que apenas revelam a sua

---

<sup>19</sup> Homeostase: manutenção da constância e estabilidade fisiológica. Este é (segundo Claude Bernard, que introduziu o conceito) o *propósito* de todos os controles fisiológicos e “a condição de uma vida livre”. Em caso de doença, ocorre um distúrbio na homeostase, e com essa diminuição da estabilidade sobrevém uma correspondente redução da liberdade de atividade. (SACKS, 1996).

menoridade. Apesar disso, vejo a sua presença como sinal de progresso. (2004, p. 182).

Ser humano e ser hominídeo não é, de modo algum, a mesma coisa. Diferentes critérios serão utilizados por diferentes pesquisadores para determinar se uma população específica cruzou ou não a linha que a transforma em humana. Podemos apenas afirmar que as diferenças entre humanos e o restante do mundo biológico são vastas e incluem um longo período de tempo. Humanos são seres simbólico-culturais, mas a origem de sua mente é a mesma dos animais e, de acordo com o paleontólogo Stephen Jay Gould (1999, p. 67), “tornamo-nos, por força de um glorioso acidente evolutivo chamado inteligência, os administradores da continuidade da vida na Terra. Não pedimos esse papel, mas não podemos abjurá-lo. Podemos não ser talhados para ele, mas aqui estamos nós”.

#### Referências

- AZEVEDO, José Clóvis de et al. *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- BEAR, Mark F. et al. *Neurociência: desvendando o sistema nervoso*. Trad. de Jorge Alberto Quinlfeldt et al. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BAUDRILLARD, J. Nenhuma piedad para Sarajevo. In: *Pantalla total*. Barcelona: Anagrama, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CANTO-SPERBER, Monique (Org.). *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. Trad. de Ana Maria Ribeiro-Althoff et al. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Trad. de Maria Tereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Trad. de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O mistério da consciência*. Trad. de Laura Teixeira da Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Adaptado para o português do Brasil por Laura Teixeira da Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DAWKINS, Richard. *A escalada do monte improvável: uma defesa da teoria da evolução*. Trad. de Suzana Sturlini Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O capelão do diabo: ensaios escolhidos*. Trad. de Rejane Rubino. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

- DENNETT, Daniel C. *La conciencia Explicada: una teoria interdisciplinar*. Barcelona: Paidós, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Tipos de mentes: rumo à compreensão da consciência*. Trad. de Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A perigosa idéia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Trad. de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter (Eds.). *Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. Trad. de Marcelo Rollemberg. São Paulo: Contexto, 2003.
- EWALD, F. *Foucault, a norma e o direito*. Lisboa: Veja, 1993.
- FOLEY, Robert. *Os humanos antes da humanidade: uma perspectiva evolucionista*. Trad. de Patrícia Zimbres. São Paulo: Unesp, 2003.
- FREUD, Sigmund. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Translated from the German under the General Editorship of James Strachey, in collaboration with Anna Freud. Volume XVII (1917-1919). *An Infantile Neurosis and Others Works*, p. 219-52. London: The Hogart Press, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Os Anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- FOUTS, Roger. *Nosso parente mais próximo: o que os chimpanzés me ensinaram sobre quem somos*. Trad. de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- GARCÍAS, Gilberto de Lima. *De monstros e outros seres humanos: pequena história sobre defeitos congênitos*. Pelotas: Educat, 2002.
- GARDNER, Howard. *Arte, mente e cérebro: uma abordagem cognitiva da criatividade*. Trad. de Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva*. Trad. de Cláudia Malbergier Caon. São Paulo: Unesp, 2003.
- GOULD, Stephen Jay. *O milênio em questão: um guia racionalista para uma contagem precisamente arbitrária*. Trad. de Samuell Tittan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GRENVILLE, Bruce (Ed.). *The uncanny: experiments in cyborg culture*. Canada: Vancouver Art Gallery, 2002.
- GROSZ, Elizabeth. *Abjection, melancholia and love: the work of Julia Kristeva*. In: *The body of signification*. FLETCHER, John; BENJAMIN, Andrew (Ed.). New York: Routledge, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Volatile Bodies: toward a corporeal feminism*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Space, time and perversion: essays on the politics of bodies*. Nova York: Routledge, 1995.
- HARRISON, Lawrence E.; HUNTINGTON, Samuel P. *A cultura importa*. Trad. de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Trad. de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.

- KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, James H; JESSELL, Thomas M. *Fundamentos da neurociência e do comportamento*. Trad. de Charles Alfred Esbérard e Mira de Casrilevitz Engelhardt. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- KANDEL, Eric R.; SQUIRE, Larry R. *Memória: da mente às moléculas*. Trad. de Carla Dalmaç e Jorge A. Quillfeldt. Porto Alegre: ArtMed, 2003.
- KRISTEVA, Júlia. *Powers of horror: an essay on abjection*. Trans. Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. Women analyze women in France, England, and the U.S. Elaine Hoffman BRUCH; Lucienne J. SERRANO (Eds.). *Interview*. New York: New York University Press, 1988.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- \_\_\_\_\_. As faces da linguística aplicada. In: *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. de Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, São Paulo: Educ, 2002.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Trad. de Fátima Sá et al. São Paulo: M. Fontes, 1996.
- LAROSSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença*. Trad. de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LENT, Roberto. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Atheneu, 2004.
- LEWONTIN, Richard. *A tripla hélice: gene, organismo e ambiente*. Trad. de José Viegas Filho. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- MATURANA, Humberto. A ontologia da realidade. In: *O que é ver?* Cristina MAGRO et al (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2002, p.77.
- MATURAMA, Humberto; VARELA, Francisco J. *De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo*. Trad. de Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: ArtMed, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Trad. de Humberto Mariotti e Lia Dinskin. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- NARUYAMA, Akimitsu. *Freaks: aberrações humanas – a exploração de fenômenos físicos humanos em circos e espetáculos itinerantes*. Trad. de Maria Jacinto. Portugal: Livros e Livros, 2000.
- PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. Trad. de Laura Teixeira da Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Trad. de Cláudia Berliner. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- PERBART, Peter Pál. *Vida capital*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- PORTO, Eline. *A corporeidade do cego: novos olhares*. São Paulo: Unimep/Memnon, 2005.
- RAMACHANDRAM, V.S.; BLAKESLEE, Sandra. *Fantasma no cérebro: uma investigação dos mistérios da mente humana*. Trad. de Antonio Machado. São Paulo: Record, 2002.
- RAMACHANDRAN, V.S. *A brief tour of human consciousness*. New York: Pi Press, 2004.

- RAZ, Joseph. *The morality of freedom*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- ROGERS, Linda J.; SWADEVER, Beth Blue. *Semiotics & disability: interrogating categories of difference*. New York: New York Press, 2001.
- SACKS, Oliver. *Enxaqueca*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Ilha dos Daltônicos*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 1997 a.
- \_\_\_\_\_. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 b.
- \_\_\_\_\_. *Tempo de despertar*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 1997 c.
- \_\_\_\_\_. *Um antropólogo em Marte*. Trad. de Bernardo Carvalho. São Paulo: Cia. das Letras, 1997 d.
- \_\_\_\_\_. *Vendo vozes*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Com uma perna só*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Alucinações musicais*. Trad. de Laura Teixeira da Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O olhar da mente*. Trad. de Laura Teixeira da Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SCHWARTZ, M. Haptic perception of the distance walked when blindfolded. In: *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, v. 25, p. 852-65, 1999.
- SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Trad. de Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP& A, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOUZA, Regina Maria de.; GALLO, Silvio. Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outros. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 79, p. 39-63, ago. 2002.
- STANFORD, Craig. *Como nos tornamos humanos: um estudo da evolução da espécie humana*. Trad. de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Veja/Coleção Passagens, 1999.
- VARELLA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Trad. de Maria Rita Secco Hofmeister. Porto Alegre: ArtMed, 2003.
- VEIGA-NETO, Alfredo; WORTMAN, Maria Lúcia. *Estudos culturais da ciência e da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WATSON, James D. *DNA: o segredo da vida*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.  
WEISS, Gail. *Body images: embodiment as intercorporeality*. New York: Routledge, 1999.  
WEISS, Gail; HABER, Honi Fern. *Perspectives on embodiment: the intersections of nature and culture*. New York: Routledge, 1999.  
ZIMMER, Carl. *O livro de ouro da evolução*. Trad. de Jorge Luis Calife. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Recebido em 15 de dezembro de 2010.  
Aprovado em 30 de maio de 2011